

Vicente Franz Cecim & as fábulas do imaginário rebelde: literatura, imaginário e utopia na invenção de Andara¹



José Juvino da Silva Júnior
Doutorando/Universidade Federal de Pernambuco

Resumo: Este artigo analisa as configurações poéticas de Vicente Franz Cecim para a composição de Andara, em *Ó Serdespanto*, bem como os posicionamentos que emanam da escritura do texto *Flagrados em delito contra a noite (Manifesto Curau)*. Por meio de uma reflexão que engloba e deslinda a narrativa poética e o texto do manifesto investigamos como estas criações textuais se tornam espaços de resignificação e reinvenção do território amazônico, averiguando a forma como se traduzem em lugar para um exercício utópico que se imiscui na deflagração de um confronto aberto contra as visões de mundo hegemônicas sobre o território da Amazônia.

Palavras-chave: Vicente Franz Cecim; Andara; Imaginário; Utopia.

Abstract: This article analyzes the poetics of Vicente settings Franz Cecima for the composition of Andara in *O Serdespanto*, as well as the positions that emanate from the writing of the text *Caught in tort against the night (curaua Manifesto)*. Through a reflection that encompasses and untangles the narrative and poetic text of the manifesto we investigate how these textual creations become spaces to redefine and reinvent the Amazon territory by examining how they translate into a place to exercise in utopian meddles outbreak of an open confrontation against the hegemonic world views on the territory of the Amazon.

Keywords: Vicente Franz Cecim; Andara; Imaginário; Utopia.

1. Recebido em 1 de julho de 2011. Aprovado em 10 de outubro de 2011.

Resumen: En este artículo se analiza la poética de Vicente Franz Cecima para la composición de Andara en O Serdespanto, así como las posiciones de los que emanan de la redacción del texto Atrapados en el agravio en contra de la noche (Manifiesto curauá). A través de una reflexión que abarca y desenreda el texto narrativo y poético del manifiesto que investigar cómo estas creaciones textuales se convierten en espacios de redefinir y reinventar el territorio amazónico mediante el examen de cómo se traducen en un lugar para hacer ejercicio en entromete utópico estallido de una confrontación abierta en contra de la visión del mundo hegemónica en el territorio de la Amazonia.

Palabras clave: Vicente Franz Cecim; Andara; Imaginario; Utopía.

A literatura do escritor paraense Vicente Franz Cecim se afigura como um exercício de invenção do sonho, como criação de dimensões mágicas e brechas na realidade, como *confusão* de instâncias aparentemente opostas como o sono e a vigília, o chão do cotidiano e o espaço onírico. Uma literatura que não atribui diferenças entre o natural e o sobrenatural. Literatura mutante para a reinvenção da utopia. O autor, jogando com o entrecruzamento de gêneros (prosa, poesia, ensaio, anotações de viagem), se lança numa escritura capaz de criar (e se mover por) fraturas no real. Uma imagem pode nos aproximar dos dispositivos geradores e da mentalidade que preside o universo ficcional de Cecim: literatura, cópula entre o visível e o invisível.

Vicente Franz Cecim se dedica, desde 1979, à invenção de sua obra única *Viagem a Andara oO livro invisível* – livro não-visível donde extrai seus livros visíveis. Por hora, o autor publicou quinze obras. As publicações vão delineando, traçando o território mítico e místico de Andara, permeado de criaturas mágicas e humanas, terreno para o exercício permanente de diálogo do autor com filósofos, poetas e místicos numa comunidade sem diferença ontológica entre seres humanos, animais ou plantas. A lógica que preside Andara é uma lógica não-linear, não-cartesiana. Em Andara, Cecim faz o *Verbo* delirar, faz o *Logos* dançar com *Moria*, a loucura.

Andara é uma região-metáfora da vida, transfiguração originária da Amazônia. De acordo com a definição do autor,

Andara é a Amazônia. Nasceu a partir da natureza amazônica, mas uma Amazônia sonhada, transfigurada em uma dimensão que simboliza toda a vida. Quero dizer, desde o que vemos, as coisas ao nosso redor, até o que não vemos, mas pressentimos. Os livros que escrevo, os chamados ‘livros visíveis de Andara’, são sempre convites a viajar além, até o invisível.²

Ou ainda:

*Andara é uma região imaginária, toda ela onírica, que eu criei, ou que quis se criar através de mim, de qualquer maneira: que eu sonhei, mas sua matéria prima é a Amazônia, a Floresta Sagrada onde eu nasci, com suas águas, seus peixes, suas aves, seus insetos, seus animais, suas árvores.*³

Existem muitos caminhos, muitas leituras possíveis para se acercar de Andara, várias sendas e trilhas para percorrer, inúmeros trechos para ir adentrando no espaço desta floresta sagrada. Para dar conta desta “*literatura fantasma*” nosso percurso crítico-analítico irá enfocar o texto do manifesto *Flagrados em delito contra a Noite (manifesto Curau)*, de 1983. E, dentre as obras visíveis de Andara até agora publicadas, iremos examinar o texto ficcional/poético do livro *Ó Serdespanto*, publicado em 2001.

Pensamos que a análise da escritura do manifesto e da criação ficcional possibilitará a realização de uma leitura com um duplo viés, uma jornada interpretativa que segue caminhando simultaneamente nos caminhos de uma bifurcação: interpretar e compreender o território poético/mítico de Andara e o imaginário desta região (através da presença de símbolos, imagens e narrativas que lhe configuram e dão forma) assim como deslindar os posicionamentos do autor em relação à ideologia do capitalismo contemporâneo, situando a

2. Texto disponível em: <http://cecimvozesdeandara.blogspot.com/search?updated-min=2008-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&updated-max=2009-01-01T00%3A00%3A00-08%3A00&max-results=23>. Acesso em 25/01/2010

3. Texto disponível em: <http://cecimvozesdeandara.blogspot.com/2009/06/entrevista-vice-franz-cecim-o.html>. Acesso em 25/01/2010

Weltanschauung (visão de mundo) do autor em relação ao mundo natural, de maneira geral, e à sua região (Amazônia) em particular. A idéia é compreender os posicionamentos que apresentados no texto do manifesto Curau (escritura consciente, declaração de uma tomada de posição por parte do autor) e perceber se (e como) estes posicionamentos podem ser lidos na construção poética de *Ó Serdespanto*. Atentaremos, também, para os significados utópicos e míticos inscritos na ficção poética.

Em resumo, pretende-se averiguar o diálogo entre a escritura do manifesto e a criação poética, verificando os mecanismos que informam estas textualidades, averiguando de que modo estes textos se relacionam. Assim, poderemos situar a maneira como *Ó Serdespanto* incorpora, realiza os significados e características apresentadas no manifesto – o caráter contestador, utópico, transgressivo e confrontador da ideologia capitalista presentes no texto do manifesto Curau, principalmente no que diz respeito às formas de relação do homem com a natureza e, mais especificamente, com a Amazônia. Para empreender tal feito precisamos, antes, nos deter num pequeno percurso teórico para discutir e precisar nossa idéia a respeito da questão da ideologia e também a relação desta com o conceito de visão de mundo (*Weltanschauung*).

O conceito de ideologia é múltiplo, passível de inúmeras variáveis e abordagens. Para alguns autores a ideologia aparece como equivalente à ilusão, falsa consciência – a ideologia seria uma concepção idealista na qual a realidade é invertida e as idéias aparecem como motor da vida real. Outros teóricos a definem como qualquer doutrina sobre a realidade social que tenha vínculo com uma posição de classe. Podemos, ainda, definir a ideologia como uma determinada consciência social, materialmente sustentada, afastando-a da noção recorrente de ilusão. Conforme as palavras da filósofa Marilena Chauí,

[...] o discurso ideológico é aquele que pretende coincidir com as coisas, anular a diferença entre pensar, o dizer e o ser e, destarte, engendrar uma lógica de identificação que unifique pensamento, linguagem e realidade, para, através dessa lógica, obter a identificação de todos os sujeitos sociais com uma imagem particular universalizada, isto é, a imagem da classe dominante.

Universalizando o particular pelo apagamento das diferenças e contradições, a ideologia ganha coerência e força porque é discurso lacunar que não pode ser preenchido. (Chauí 1997:3)

Aproximando-nos das análises do sociólogo Karl Mannheim,⁴ podemos compreender a ideologia como um conjunto de idéias e representações que se orientam para a estabilização/legitimação/reprodução da ordem estabelecida. A ideologia assim entendida e definida tem um caráter conservador, servindo à manutenção do poder das classes dominantes. Como contraparte da ideologia, as utopias são, ao contrário, idéias, representações e teorias que aspiram outra realidade, uma realidade ainda inexistente. As utopias têm uma dimensão crítica, de negação da ordem social existente — as utopias se orientam para a ruptura da ordem estabelecida e para a invenção de novos arranjos sociais. Deste modo, as utopias têm uma função subversiva, rebelde e revolucionária. Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, em *A utopia na era da incerteza*:

Para conduzir a imaginação humana à prancha de desenho em que se esboçaram as primeiras utopias, era necessário um rápido colapso da capacidade auto-reprodutiva do mundo humano — um tipo de colapso que entrou para a história como nascimento da era moderna. (Bauman 2007:103)

Acompanhando as metáforas propostas por Bauman, num mundo pré-moderno podemos identificar as ações humanas com a figura do *guarda-caça* (cuja lógica e tarefa seriam a preservação de um “equilíbrio natural”, desmontando as interferências humanas). Por seu turno, a atitude do *jardineiro* se ajusta melhor como metáfora e prática da visão moderna: o jardineiro presume que seu serviço determina certa ordem do mundo. Os jardineiros são construtores de utopias, projetam sobre o mundo a imagem ideal que criam subjetivamente. Segundo Bauman, na contemporaneidade estes símbolos cederam espaço à figura do *caçador*:

4. cf. MANNHEIM, K. (1982).

Se hoje se ouvem expressões como “a morte da utopia”, “o fim da utopia” ou “o desvanecimento da imaginação utópica”, borrifadas sobre debates contemporâneos de forma suficientemente densa para se enraizarem no senso comum e assim serem tomadas como auto-evidentes, é porque hoje a postura do jardineiro está cedendo vez à do *caçador*. Diferentemente dos dois tipos que prevaleceram antes do início do seu mandato, o caçador não dá a menor importância ao “equilíbrio” geral “das coisas”, seja ele “natural” ou planejado e maquinado. (Bauman 2007:104-105)

Assim, o discurso ideológico do capitalismo global que estimula a competição, o individualismo e uma lógica de consumo, destruição e descarte – noções que constituem a figura do caçador, enquanto metáfora –, procura invalidar, impedir a constituição e a emergência de práticas e posturas que ameacem o exercício de dominação em escala planetária. O guarda-caças (encarnação das lógicas de um mundo encantado, pré-moderno, mítico) e o jardineiro (compreensão de uma subjetividade que opera com uma razão fluída, não estanque, projetando ideais sobre “o mundo real”) são sufocados pela proliferação de caçadores (materialização e perpetuação de uma lógica predatória que atua numa paisagem natural convertida em mercadoria, transformada em coisas a serem consumidas, caçadas).

Ao analisar os modos como o escritor Vicente Franz Cecim confronta a ideologia do capital e reinventa e propõe em sua literatura formas libertárias e utópicas de relacionamento com o mundo natural e entre os homens, trabalharemos com a idéia de que a ideologia perpassa as diversas instâncias da vida social, permeando diversos campos (artes, filosofia, direito, política, economia, etc.), sendo sempre um discurso proferido a partir de um lugar, um discurso localizado e comprometido com determinado tempo, espaço, civilização, sociedade, classe, etc. Deste modo, podemos entender a ideologia como uma dinâmica da vida dos indivíduos e das sociedades e grupos humanos – a ideologia se configurando como uma presença matreira, sorrateira. O reconhecimento da ideologia como um discurso localizado nos ajuda a perceber as contradições, as lutas, os

conflitos sociais, os embates ideológicos. Ou seja, permite a compreensão da existência de uma arena social, um campo de forças pontuado por contraposições entre variados sujeitos e projetos (de classe, de sociedade, de civilização) – assim impossibilita o jogo de apagamento das diferenças em nome de uma suposta identidade universal.

A discussão do conceito de ideologia, dentro deste quadro conceitual, ganha outra dimensão, se torna mais fértil se acrescentarmos a noção de *Weltanschauung* (*visão de mundo*). Esta noção pode auxiliar no esclarecimento das diferenças, do confronto e do jogo de forças que se realiza entre a literatura de Vicente Franz Cecim (e os posicionamentos estéticos e políticos do autor) e a mentalidade e valores hegemônicos do capitalismo global – a afirmação do racionalismo, a relação de dominação da natureza, o desencanto do mundo, etc. Focalizaremos os lances deste embate em duas frentes (*fronts*): nas palavras do manifesto Curau e na construção poética de *Ó Serdespanto*. O campo de batalha que se apresenta é habitado por um escritor e a invenção de sua literatura contra valores e representações (re)produzidas e impostas pelo capitalismo e sua visão de mundo hegemônica, imperial. Depois desta deriva teórica, podemos iniciar à análise do manifesto, para em seguida realizar a interpretação da ficção poética. A frase de abertura do manifesto já expõe o tom de confronto: “Vítimas de uma sociedade violentamente gerada pelos mais evidentes padrões de colonização, nossas chances de mudá-la começam na visualização da face oculta de quem nos fez isso”.⁵

Cecim inicia sua *campanha* (para além da aproximação do mundo da publicidade, lembremos as reverberações militares da palavra) identificando as presenças, os atores do embate entre sociedades e mentalidades (povos invasores *V/S*. povos invadidos). De um lado, os agentes da invasão colonial. De outro, os sujeitos mantidos sob a égide dos valores de outrem, mantidos sob a vigilância constante dos aparelhos repressivos da invasão. Vicente Franz

5. *Flagrados em delito contra noite – manifesto Curau*. Texto disponível em: <http://cecimvozesdeandara.blogspot.com/search?updated-max=2009-07-14T05%3A28%3A00-07%3A00&max-results=7> Acesso em 25/01/2010

Cecim tem a consciência de que a região amazônica possui um antigo histórico de invasões e domínio. O processo de invasão e ocupação da floresta é assim descrito por Darcy Ribeiro:

O delta do Amazonas constitui uma das áreas de mais antiga ocupação européia no Brasil. Já nos primeiros anos do século XVII ali se instalaram soldados e colonos portugueses, inicialmente para expulsar franceses, ingleses e holandeses que disputavam seu domínio, depois como núcleos de ocupação permanente. Esses núcleos encontrariam a base econômica na exploração de produtos florestais [...] que tinham mercado certo na Europa e podiam ser colhidos, elaborados e transportados com o concurso da mão de obra indígena, farta e acessível naqueles primeiros tempos. Estas condições marcariam o desenvolvimento da colonização da Amazônia dentro dos estreitos limites da economia mercantil extrativista. (Ribeiro 1977:21)

De acordo com Cecim, é preciso perceber a face oculta dos agentes da colonização: a visualização dos sujeitos da invasão colonial, o escrutínio da questão da colonização e seus dispositivos de violência aparecem como possibilidade para a mudança, possibilidade para a invenção de novos arranjos sociais. Segundo Cecim, esta visualização precisa retroceder e se espalhar por diversas direções, começando por enterrar o mito que propaga a falência do ocidente cartesiano, racional. Assim o autor nos escreve:

Historicamente, a História vista com outro olho, não essa de a priori infalíveis, mas uma de navegações frequentemente sem leme e em rumo incerto, historicamente, a falência do Ocidente culto instituído, aristotélico e cartesiano, pragmático enfim, tem sido uma crença estúpida, contagiosa e exportada para os quatro cantos magros do mundo, num dos quais nos incluímos, embora devamos estar solidariamente em todos eles: uma crença que afirma que só os dias despertos existem, sendo todo o resto fantasma, isto é: a parte dos sonhos. Aí se instala o reduto central da opressão,

desse Ocidente auto-suficiente e, em decorrência, rancoroso, reduto que as nossas confrontações libertárias com o colonialismo devem atacar cada vez mais.⁶

O alvo dos ataques (“confrontações libertárias”) é preciso: o colonialismo (o capitalismo) e a rancorosa visão de mundo que lhe sustenta – a crença férrea na noção de razão e progresso: “a parte desperta”. A ideologia do capital oprime e busca inviabilizar a invenção e o sonho de outros arranjos sociais, de outras formas de desenvolvimento humano, procurando impedir, tolher as possibilidades de transformação do real a partir de outras visões, de registros diversos da realidade. A visão de mundo capitalista busca obstruir e mitigar imaginários rebeldes e combativos que busquem a realização de um projeto diverso do desenho capitalista para o mundo e para os povos. Vicente Franz Cecim reconhece o embate que se desenrola nas franjas do projeto racionalista e sabe que neste jogo de discursos sobre o real é preciso tomar de assalto as instâncias criadoras de novas realidades, as plataformas instituidoras do real. Assim o imaginário se configura como instrumento de mobilização e de reconfiguração da realidade. Para Cecim, o imaginário traduz a possibilidade da reinvenção e da deserção da imagem imposta à região Amazônica pela visão hegemônica do capitalismo. Cecim sabe que o real é sensível, fluído, móvel, passível de remodelagens constantes: “Mas nós, aqui, entre peixes, sonhos e homens, nesta Amazônia em transe permanente, sabemos, ou deveríamos saber, que é preciso tocar o coração de Aquiles do real, ali onde ele é sensível e impaciente espera de um acontecimento total que o transfigure”.⁷

A literatura e o imaginário podem auxiliar no processo de transfiguração do real se forem tomados como instrumentos mobilizadores da invenção e da liberdade. A literatura e imaginário se convertem em elementos preciosos no confronto entre a visão de mundo capitalista e a visão de mundo posta em questão por Cecim e sua prosa delirante. A literatura cria (e se move por)

6. cf nota 4.

7. cf nota 4.

espaços fraturados da realidade, se insinuando e se locomovendo através de regiões obscuras do cotidiano. Neste movimento, Cecim afirma que a literatura suscita o terror e o receio dos sujeitos que parasitam as instâncias de poder da ordem estabelecida: a literatura e o imaginário vão construindo fábulas rebeldes. Estas fábulas provocam o terror ocidental perante as dimensões imaginárias do ser humano, o terror ante a possibilidade da mudança. Cecim lança questões a respeito desta fobia para em seguida respondê-las:

Onde se oculta, e como se dissimula, o medo ocidental? Sua recusa sistemática da dimensão imaginária humana? [...] Esse medo, vulnerável a um olhar sem véus, revela-se: trata-se, quando observado sem reservas nem admiração inocente, de uma engrenagem que, atualmente, e cada vez mais, de repetição em repetição histórica, gira ao contrário: se antes permitiu ilusões reconfortantes, hoje, ela despedaça o próprio ocidental – e faz dele sua vítima mais imediata, não esqueçamos isso – carente como ser dado ao mundo social – apesar de uma civilização de bem-estar material – e como projeto de ser – nunca totalmente alienável – na destinação secreta que o põe, no ritual das ontologias indiferentes às deformações da História, e apesar das consolações religiosas do Ocidente, desabrigado num cemitério de ossadas morais, estéticas, políticas – estas, também um fêmur roído até a fronteira das cerimônias sociais já sem sentido. O medo do Ocidente culto é o medo do Ocidente às revoluções. De qualquer espécie. Poéticas ou políticas, ou à aliança dessas duas formas de luta. O medo do Ocidente às fábulas do imaginário rebelde é a mais evidente declaração de desprezo desse Ocidente pela realidade.⁸

Vicente Franz Cecim entende que o capitalismo e seu projeto racionalista se desenvolvem a partir de dispositivos de alienação da realidade e de mecanismos de domínio e controle social. A ideologia do capital legítima

8. cf nota 4.

a opressão e procura apaziguar as diferenças num processo que busca ocultar as contradições e divergências entre as visões de mundo, entre classes sociais distintas, entre variados projetos de desenvolvimento dos seres humanos e das civilizações, entre mentalidades, unificando-as num discurso hegemônico, dominante – reunidas num império abstrato e bruto, transnacional. Em sua busca por totalidade, em sua ânsia de estender a dominação, o sistema capitalista opera distorções e projeta visões supostamente límpidas e neutras sobre o real, criando a imagem de um mundo em equilíbrio, sem contrastes. Vicente Franz Cecim acusa esse movimento como negação do real:

[...] esse Ocidente nega o real, sob o álibi de recusar o sonho em nome de uma realidade que, de fato, é vazia e inexistente, porque mero artifício engenhoso engendrador de uma forma de dominação que se quer estável e permanente, certeza e reafirmação da manutenção perpétua de um poder. O medo ocidental culto é o medo dos imperialismos da Razão, e sua base econômica e totemicamente moral, às possibilidades históricas e estéticas da África, da Ásia, do Oriente Médio e da América Latina.⁹

O autor reconhece que os mecanismos de reprodução da ordem social capitalista, os dispositivos de “manutenção perpétua de um poder” estão intrinsecamente relacionados com as produções de uma determinada visão de mundo a respeito da realidade. O capital opera por meio da geração de conceitos e formas específicas de apreensão da realidade, fazendo com que as possibilidades de criação de múltiplos discursos (as possibilidades históricas e estéticas da África, da Ásia, do Oriente Médio e da América Latina de que fala o autor) se reduzam a uma esfera prevista e, de alguma maneira, determinada pelos centros de poder do imperialismo ocidental (particularmente euro-americano). O sistema capitalista opera uma lógica que se espalha nas diversas instâncias da vida social ao redor do planeta. Esta diluição, este movimento de criação, circulação e infiltração da visão de mundo capitalista nos mais variados

9. cf nota 4.

rincões do mundo se processa a partir de um sem número de plataformas políticas, econômicas, culturais, etc. De acordo com Vicente Franz Cecim, o engano dos movimentos de confrontação com a lógica do capital reside na desatenção em relação às estratégias de dominação perpetradas pelo capitalismo ventiladas e difundidas a partir da Cultura:

O equívoco das lutas antiimperialistas circunscritas à confrontação política e econômica é, tem sido, ignorar que o projeto de permanência do imperialismo ocidental, projeto liderado pelos imperialismos europeu e norte-americano, inclui estratégias mais vastas e invisíveis, que utilizam a cultura – a Cultura, exprime melhor – e todas as suas ramificações, previamente envenenadas com um curare entorpecedor das culturas do Terceiro Mundo, tolhendo na nascente afluência e sua chance de uma ação nativa libertadora.¹⁰

Tendo em mente o projeto ideológico de manutenção da ordem estabelecida pelo capitalismo, o projeto de dominação e imposição de uma visão de mundo apaziguadora e alienante a partir dos fluxos culturais, o autor afirma que a criação de uma literatura construída com as (e também criadora das) fábulas do imaginário rebelde passa pela compreensão deste processo fraudulento, destes mecanismos da farsa. É preciso um imaginário consciente do jogo de forças entre os poderes do capital (e do império da razão) e as energias da imaginação. Cecim nos diz, através do manifesto, que “Será compreendendo que, do outro lado do Atlântico e mais acima dos Trópicos, se encena uma farsa, essa, que regiões de fome e de visões como a Amazônia terão direito, um dia, fatalmente, a um solo próprio e à convivência com suas raízes.”¹¹

Para o autor é de fundamental importância neste embate entre as hordas da razão e do imaginário a aproximação dos sujeitos humanos com

10. cf nota 4.

11. cf nota 4.

as fontes culturais da própria região, a conexão com as experiências vividas e socialmente compartilhadas pelos habitantes da Amazônia. A possibilidade de libertação e de autodeterminação dos povos da região amazônica reside na luta contra as imagens impostas, forjadas pelos discursos dominantes. Segundo Cecim, “só a fábula insurrecta cravada na vida resgatará estética e historicamente a Amazônia dessa miragem: o padrão colonizador imposto a ela. E, também, da falsa existência que tem sido a nossa até então.”¹²

Para este escritor, a rebelião da literatura funcionará como um contra-discurso à ideologia do capital se estiver intimamente associada às demandas por justiça e liberdade. A ruína do imperialismo da razão será produzida por um imaginário que não se furte ao confronto contra as torrentes discursivas e culturais dominantes. Se a razão moderna busca subordinar o poético ao verossímil e procura submeter ao princípio de realidade a escritura poética,¹³ Cecim se firma na crença de que a poesia é o lugar da insubordinação, da invenção, da prática ontológica e política de afirmação de fábulas rebeldes.

Para Cecim, a imagem da Amazônia imposta pelo padrão colonizador será estilizada por um processo cultural que seja consciente do conjunto de estruturas que formam, sustentam e possibilitam a execução deste mesmo padrão. Juntamente à consciência das estruturas que formam o discurso dominante sobre a região e os povos da Amazônia, Cecim sabe que é preciso identificar, localizar as bases para engendrar um projeto autêntico – de independência histórica e estética, política e econômica – que se encaminhe para além das franjas do império da razão e do capital. O autor sabe que a identificação/determinação destas bases é problemática e, então, interroga-nos sobre a possibilidade de encontrar este “chão autêntico”: “Mas onde está esse subsolo real, o autêntico chão que servirá de base a essa independência histórica e estética, assim exigida com ênfase? Enquanto ignorarmos isso, esse solo fértil, nem ênfase nem Cultura nos levarão um passo adiante.”¹⁴

12. cf nota 4.

13. cf. LIMA, Luiz Costa (1989).

14. cf. nota 4.

De acordo com o escritor, para a identificação do “solo fértil” que permitirá a independência da região amazônica e para a construção de um projeto que fuja à órbita do sistema capitalista e se contraponha à sua visão de mundo é necessário realizar o despojamento dos discursos e imagens impostas à Amazônia pelo capital. É preciso realizar um sacrifício: “[...] é inevitável que, para saber, será preciso um sacrifício cultural: o sacrifício dessa cultura a que nos habituaram e nos habituamos, será preciso romper tabus, negar-se a velhos cultos.”¹⁵

O manifesto de Vicente Franz Cecim expõe a necessidade inevitável e vital de modificar e renovar os hábitos, encontrar/inventar as brechas para a mudança social: transformar a literatura numa ferramenta de reinvenção da vida, num campo para a imaginação utópica de novos regimes sociais, regimes dialógicos e distantes da hierarquia imposta e sustentada por valores forjados pelo olhar estrangeiro.¹⁶ De acordo com Cecim, a consciência deste processo faz com que o real se converta num espaço aberto, num laboratório permanente para as práticas de reinvenção dos arranjos sociais. O escritor nos informa que é necessário desconfiar das suposições e determinações a respeito da realidade: “[...] ao suspeitar desse real manifesto em torno de nós, todas as possibilidades de modificá-lo se escancaram. Esse real à nossa volta é, na Amazônia, socialmente, a transplantação da realidade forjada pela cultura do dominador, herança a que nos forçam.”¹⁷

Para lançar fora esta herança, segundo o autor do manifesto Curau, é preciso realizar a tradução e apreensão da realidade amazônica numa linguagem própria, construída e calcada no imaginário da região. De acordo com Cecim, a importância e a eficácia do imaginário nesta batalha contra o capital e contra o império da razão aumentam, pois o autor reconhece

15. cf. nota 4.

16. Em relação à representação da Amazônia a partir do olhar forasteiro veja-se, por exemplo, o estudo de Klondy Lúcia de Oliveira Agra sobre o livro *Amazon Town*, de Charles Wagley. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-traducao-representacao-amazonia.pdf>

17. cf. nota 4.

a impossibilidade de travar este embate utilizando as mesmas armas do colonizador:

Ante a constatação inevitável da nossa carência material em resistir a esse colonizador com armas idênticas às dele, porque somos, irmãos, muito pobres, e ante a constatação de que isso seria repetir seus erros e reafirmá-los como valor – quando o nosso projeto é uma reinvenção cultural, uma revalorização da vida – ante essas constatações, e a par de um esforço de independência política e econômica, não temos o direito de negar-nos a nossa arma mais eficaz, imediatamente: o Imaginário, esse poder de que os nossos dominadores seculares, exaustos de sonhar, vêm abrindo mão.¹⁸

O confronto com a lógica do capitalismo contemporâneo, segundo Vicente Franz Cecim, deve vincular as formas de lutas políticas e poéticas. Para o autor, o imaginário e o político, faces de um movimento comum de invenção e de auto-regulação do território amazônico, se traduzem na perspectiva lúdica de um jogo:

Juntamente com a mobilização de uma operação política, então, é preciso pôr em movimento também uma operação mágica. Esta: para além do real que me é dado pelo mundo, e, sobretudo, se esse real está deformado pelas marcas de uma dominação alheia a mim, resta-me o recurso de um jogo. E nesse jogo descubro e me repito, até o último alento: A História, a minha história, só terá realidade quando eu me apossar dela pelo meu imaginário de homem e região.¹⁹

Vicente Franz Cecim afirma a existência de uma violenta riqueza vital presente no imaginário da região amazônica e sabe que a aproximação

18. cf. nota 4.

19. cf. nota 4.

deste acervo desdobra a consciência necessária para a negação da noção de fatalidade histórica, gera a percepção fundamental para a negação da imagem imposta pelo padrão colonizador. Se o Ocidente escolheu como tradição a Grécia lógica dos “pós-pré-socráticos”, Cecim se orienta pela aproximação/reinvenção da região amazônica e seu imaginário e, num canibalismo cultural, lança mão de heranças libertárias que se oponham, resistam ao império da razão ocidental. Assim, na região de Andara podem conviver citações do zen, filósofos a-lógicos, místicos, animais míticos, etc. Essas aflorações de canibalismo cultural se misturam às referências regionais que por sua vez são interpretadas num painel mitológico pessoal, subjetivo, próprio do escritor. Só assim, segundo o autor, é possível “fazer a região valer como alegoria do real inteiro”.²⁰ Porém Vicente Franz Cecim alerta-nos sobre os usos alienantes da cultura popular por parte de alguns criadores “cultos”, sujeitos praticantes de um regionalismo superficial que se apóia em gestos repetidores da apropriação da cultura da região numa chave, num padrão dominante, do colonizador. Por isso, declara:

Nosso nascimento como região depende de uma morte? Sim. Da nossa morte como miragem de região. E, por isso, e para isso, então, temos: Posição: contra o regionalismo e ao mesmo tempo por uma revolução de região, só o mito e o delírio poderão alguma coisa. E todos os sentidos advertidos contra os engodos de uma História feita contra nós, por dominadores contra dominados. [...] Nossa História só terá realidade quando nosso imaginário a refizer, a nosso favor.²¹

Vicente Franz Cecim, com o manifesto Curau, expõe as perspectivas para uma literatura que rearticule as fábulas do imaginário rebelde; uma literatura que se comprometa com a criação de uma região poética e

20. Texto disponível em: http://cecimvozesdeandara.blogspot.com/2009_07_01_archive.html. Acesso em 25/01/2010

21. cf. nota 4.

politicamente auto-determinada; uma literatura capaz de reorientar o senso de realidade e produzir homens críticos, lúcidos e míticos; uma literatura que se desdobra no interior e na invenção dos territórios da região amazônica. No manifesto Curau, Cecim defende que a literatura se rearranja como um mecanismo de percepção do discurso ideológico da dominação e torna possível flagrar os homens em “delito contra a Noite”. A idéia de literatura contida no manifesto permite perceber a operação ideológica de perpetuação do poder centralizado e opressor do capitalismo: a literatura possibilita iluminações cósmicas e mágicas para enxergar as brechas, fraturas, fissuras no corpo do império da razão. Vicente Franz Cecim expõe claramente a continuidade das idéias apresentadas no manifesto:

A essência das exigências que fiz a mim mesmo, antes de fazê-las a outros, contidas no primeiro Manifesto, continua intocável: trata-se, ainda, e disso se tratará sempre, da expansão do imaginário amazônico. Tem sido ele, o Imaginário da região, a minha única companhia na solitária aventura estética e espiritual que é a Viagem a Andara, esse percurso claro-escuro entre as coisas que são e as coisas que não-são, que, tendo se iniciado a partir da hipótese Andara=Amazônia, chegou à inversão dessa hipótese originária, e atingiu o ponto, sem retorno, em que já se dá, atualmente, a formulação: Amazônia=Andara. Pois durante a viagem, Andara cresceu, além de si e além de mim, e se expandiu em região-metáfora da vida ela toda, inteira, da terra ao céu, das serpentes às asas mais vastas, para bem além das coisas que a visão humana já não alcança, e apenas pré-sente, se territorializando como Lugar de Todos os Lugares.²²

Feita a análise dos meandros que constituem as afirmações e a visão de mundo de Vicente Franz Cecim no que constitui o texto “*Flagrados em delito contra a Noite – manifesto Curau*”, podemos, agora, identificar de que maneira

22. cf. nota 4.

a ficção poética de *Ó Serdespanto* mobiliza o imaginário e articula as posturas e exigências contidas no manifesto. Já de início, Cecim afirma a aproximação entre o sujeito da escritura e o texto, identificando também as relações entre a literatura e o real. Nesta aproximação entre o real e a literatura, entretanto, Cecim não busca aprisionar a força e a capacidade criadora da linguagem poética, nem se fia na expectativa de uma literatura como mera operação de cópia, de tradução exata da realidade. O autor afirma com lucidez as forças próprias da literatura e do imaginário, suas transgressões fundadoras e inventivas, ao mesmo tempo em que sabe que estas forças, este movimento não se enclausura num mundo isolado, plenamente descolado do real:

[...] alguém vive, alguém escreve / Esse é o ponto de partida, o ponto de chegada. [...] A vida. E, nela, alguém, que escreve. / E o que escreve, o Livro, é a Ponte, entre a vida-lá / e o vivendo a vida aqui, em mim: alguém, que escreve. / O Livro é a vida? Não, o Livro não é a vida. É a / outra vida. / Mas sendo a outra vida é / a vida num rumor que se arrasta paralelo, ao lado dela. (Cecim 2006:9-10)

Logo em seguida, Cecim lança uma interrogação a respeito da utilidade da literatura e das motivações para o exercício de criação poética do escritor e declara poeticamente um uso ontológico e político para a literatura: “Para que serve então a vida-escrita? / – É um instrumento, para ver, tentar abrir, dobra a / dobra, / insistindo, / a vida real / E por que alguém escreve? / Para isso, o que foi dito acima, tentar abrir, / dobra a dobra, insistindo”. (Cecim 2006:10)

A escritura poética de *Ó Serdespanto* busca se revestir de um caráter libertador, utópico. Cecim reconhece e pratica uma literatura capaz de mobilizar mentalidades e aguçar a percepção a respeito das deformações e opressões que o discurso ideológico do capital impõe. A literatura, esta “vida-escrita”, se traduz como dispositivo de percepção crítica do mundo, como um discurso de aproximação da realidade, numa postura não-linear, não-cartesiana, não ancorada no Logos, mas pesquisando as obscuras e férteis

regiões do delírio e do devaneio. Nesta espécie de prólogo, de declaração de princípios, Cecim se aproxima do horizonte de algumas declarações feitas em entrevistas. Vejamos esta afirmação:

Eu projeto à minha frente uma Utopia libertária. Eu sonho com uma literatura além da literatura, como Nietzsche sonhava com um homem além do homem. Por isso prenuncio o advento de uma Literatura Fantasma. [...] A literatura praticada como ontologia, a palavra praticada como vida. Sonho com esse algo que terá poderes mágicos, imensos poderes, capazes de transpassar as Aparências do Real.²³

A criação poética de Vicente Franz Cecim se lança como um monstro mítico gerador de fábulas, se alimentando das “aparências do Real”, mas indo além. Praticando a literatura como ontologia e a palavra como vida, Cecim realiza uma escritura mágica e inventiva. Andara (a Amazônia), em *Ó Serdespanto*, recupera a dimensão de um mundo encantado, onírico, prenhe de significados cósmicos. A fabulação reverbera a busca ontológica do ser humano e suas permanentes indagações a respeito do estatuto do universo, da relação entre os seres, da possibilidade do conhecimento, dos limites da razão, das reservas imateriais e simbólicas da humanidade.

Com *Ó Serdespanto* Cecim confunde, embaralha, justapõe diversas instâncias e discursos sobre a realidade numa mesma interrogação; *Ó Serdespanto* reverbera a indagação filosófica numa literatura onírica. O próprio título do livro – e do personagem do relato da fábula – aponta para o conceito gerado na filosofia grega, o *Thaumatztein*. A investigação filosófica se inicia com o *Thaumatztein* – o ato de olhar, de admirar e se *espantar* com o mundo. O início da jornada em *Ó Serdespanto* se encaminha rumo às entranhas da invenção de significados, numa voragem de sentidos imemoriais que serão contados por diversos entes (árvores, irmã-ave, pássaros) ao longo

23. cf. nota 2.

do caminho, como num sonho, num filme de devaneio. O espanto com o mundo, a relação com as múltiplas variáveis de significados do real começa a tomar forma. A escritura de *Ó Serdespanto* é permeada por visões, viagens, vertigens. A história se insinua em sonhos:

— Consciente de que a vida é sonho, na horizontal, / paralelo ao horizonte, / quando já ia anoitedescendo tudo outra vez pela linha do horizonte, então ouvi a minha respiração de leve / alento erguer um pássaro para o alto. / E era eu mesmo me sendo menos, para ver do alto / a minha vida. E com asas. (Cecim 2006:14)

O sonho do sujeito lírico da escritura fabular de *Ó Serdespanto* começa nestes termos:

Toda vez que um homem perde as asas, é isso o / que acontece / O osso Pai o deserda. / Ouçam, entendam, foi o que aconteceu àquele / homem / Aquele homem, então / Sem asas, ele vinha, já que as perdera, e vindo pelo caminho trazia os braços atados por uma corda a / serpente corda ao corpo / Viesse ele vindo assim por caminhos de terra pois / já não tinha asas para os caminhos do ar, / entendem? / Entenderão. (Cecim 2006:23)

Numa espécie de deglutição do mito bíblico de queda do paraíso, Cecim cria a situação fabular de homens que perdem as asas — a responsabilidade sobre a perda das asas não fica clara, não se pode estabelecer uma relação entre causa e efeito, o que se sabe, ou melhor, o que se conta (o sonho de “Serdespanto”, a fábula que lemos) é a história deste homem por “caminhos de terra”. Num registro que procura confundir as fronteiras entre o autor e o sujeito lírico/personagem, Cecim inicia a história deste homem por caminhos de terra. Ou seja, enfoca a trajetória no deserto do real deste ser que era, a pouco, habitante de mundos, plataformas cósmicas, antigo viajante de “caminhos do ar”. Cecim vai entrecruzando, em sua narrativa poética, diversas instâncias espaciais e temporais. Assim, simultaneamente, o sonho do sujeito lírico se

traduz, para nós, como fábula. E a fábula vai se desdobrando e se reinventando pelo caminho:

Serdespanto está ouvindo suavemente a voz da sua irmã-ave em sonhos. / Ah irmã das dormências / Que diriam vocês de ter uma irmã assim? / Mas de repente estremece, se resistia, uma última / resistência foi vencida. Pois o que sua irmã-ave quer é / libertá-lo da pedra dura da razão / ou enlouquecê-lo / É? / Sim. Já que no sonho ela o faria ver agora uma grande árvore falando. / E no sonho que ele tem, / e na fábula que vocês estão lendo, / depois de ter visto aquele homem vindo de mãos / atadas no corpo, / ele veria essa árvore / e veria que quem contava a história do homem que / vinha no caminho / era uma árvore / e a contava, a árvore, a uns homens / como eu a estou contando a vocês. (Cecim 2006:30-31)

Cabe destacar neste trecho a maneira como se insinua uma relação dialógica com a natureza e como o autor se posiciona por uma imaginação que se liberte da “pedra dura da razão”. Ao contrário da visão de mundo perpetrada pelo capitalismo, onde as florestas são vistas como “reservas de madeira”, em *Ó Serdespanto* a floresta recupera seu poder mágico como espaço de sabedoria. Se para a visão de mundo capitalista “a natureza, ainda quando a ambição humana se volta contra ela, continua a ser um objeto” (Dean 1996:22), na fábula utópica de Cecim a árvore conta uma fábula e a natureza aparece como uma entidade real que se relaciona com o homem. Assim, em *Ó Serdespanto*, Cecim propõe uma reorientação do comportamento humano em relação ao mundo natural. Em sua prosa delirante, a Amazônia recupera as dimensões míticas e a imagem de terra-mãe (*Terra Mater*) pode retornar. Cecim indica aos leitores claramente que a fábula é “para fazê-los sonhar”, completando: “diz-se disso, também: literatura” (Cecim 2006:33). No movimento seguinte, continuando a história professada pela boca da árvore, Cecim registra:

Andara ah / Onde mais poderia se ver uma árvore como aquela,
/ de braços longos, humanos? / Pois era hora do crepúsculo pois
as sombras se / instalando entre nós, misturando mais o real e o /
sonho. Diz-se disso: loucura de estar vivo / Quem agora passasse
por ali, olhando veria / aqueles homens sentados envolvidos pelos
braços longos da / árvore, que como filhos ouviam a sua voz de
galhos. (Cecim 2006:34)

A escritura de Cecim realiza a inversão mágica de uma lógica de destruição. Se poucas décadas atrás, na região amazônica, a maneira mais simples de provar que a terra se destinava ao uso produtivo era derrubando a floresta, a cena poética criada por Cecim reivindica uma aproximação e uma horizontalidade ontológica entre os homens e a floresta, entre os humanos e os outros seres. Cecim cria uma cena em que os homens se relacionam de modo mais orgânico e intuitivo com o mundo natural. Em Andara, a percepção mítica do ambiente natural se ancora numa compreensão da importância vital, na necessidade ontológica da existência da floresta sagrada, para além de argumentos centrados na espécie humana. Esta visão que informa a escritura poética de Cecim vai ao encontro da consciência de que

[...] o avanço da espécie humana funda-se na destruição de florestas que ela está mal equipada para habitar. A preservação de florestas deve, portanto, basear-se em algo além do argumento do auto-interesse cultural, ambiental ou econômico; talvez em uma concepção de interesse que apenas se poderia definir por um autoconhecimento mais perspicaz e uma compreensão mais profunda e filosófica do mundo natural. (Dean 1996:24)

Diferentemente do sujeito moderno, ancorado em sua racionalidade, perambulando por um mundo despossuído de significados cósmicos, os homens da fábula, os homens em Andara ouvem a voz professada pela boca sagrada e mágica da árvore, a realidade se transmuta num campo aberto para a inserção de significados cósmicos: “— Homem sem ternura, então diria a árvore. /

E prosseguisse: / – Era assim que mais tarde o chamariam aqueles / que o veriam passar, / quando o dia já tivesse nascido. Pois durante toda / a noite ele teria andado apenas pelos desertos que / trazia dentro de si, e ninguém o viu”. (Cecim 2006:35)

Em Andara, nesta fábula contada/sonhada através do espanto, a transcendência se irmana numa imanência radical. As relações entre os diversos seres e entre o acima (sobrenatural/transcendente) e o abaixo (natural/imanente) se dão a partir de envoltimentos mútuos, fluxos dialógicos. Cecim, numa citação de Hermes Trimegisto – deus da escrita e da magia –, identifica a igualdade entre o que se processa no “Alto” e aqui se passa “Embaixo”. Com a invenção de Andara, Cecim busca realizar a fusão entre o mundo natural e o sobrenatural. Porém esse processo acontece de maneira gradativa, com a invenção de porções e mais porções de terrenos mágicos, com a caminhada por trilhas e trilhas na floresta sagrada em seus movimentos orgânicos. Cortando a fábula contada pela árvore, os homens se lançam em hipóteses de céus humanos:

– Havia um deus nas nuvens olhando isso, / enquanto tudo isso acontecia? / Perguntasse um dos homens / – Não, dizia um outro, pois se aquele homem que / chegara ou animal ou espírito, ele próprio talvez fosse o / deus / – Ou era um anjo? / se perguntavam, misturando suas três vozes / os homens que como filhos ouviam. E esqueciam a voz da árvore, / só ouvindo as suas. Subiam aos céus em hipóteses humanas [...] A impaciente árvore. E agora ela dizendo: / – Ouçam as histórias da terra, esqueçam os céus / – Ouçam, ouçam: as raízes humanas [...] Se diz que desde então aquela árvore nunca mais falou. Árvore sem boca. Aparentemente, só árvore outra vez. (Cecim 2006:43)

Vicente Franz Cecim cria uma literatura propiciadora de desnudamentos do comportamento humano em relação ao mundo natural. Através da fábula contada pela árvore e do registro da reação humana de procurar uma transcendência fechada, sem contato com o mundo orgânico, Cecim insinua

o processo de esvaziamento de significados do mundo natural operado por uma racionalidade intransigente. Max Weber, ao analisar este processo, escreveu que

A intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem, portanto, a um conhecimento geral crescente acerca das condições em que vivemos. Significam, antes, que sabemos ou acreditamos que, a qualquer instante, *poderíamos, bastando que o quiséssemos*, provar que não existe, em princípio, nenhum poder misterioso e imprevisível que interfira com o curso de nossa vida; em uma palavra, que podemos *dominar* tudo, por meio da previsão. Equivale isso a despojar de magia o mundo. [...] O destino de nosso tempo, que se caracteriza pela racionalização, pela intelectualização e, sobretudo, pelo “desencantamento do mundo” levou os homens a banirem da vida pública os valores supremos e mais sublimes. [...] Só nos pequenos círculos comunitários, no contato de homem a homem, em *pianíssimo*, se encontra algo que poderia corresponder ao *pneuma* profético que abrasava comunidades antigas e as mantinha solidárias. (Weber 1993:30;51 – *grifos do original*)

Cecim busca, em *Ó Serdespanto*, a confecção de cantos que traduzam o trânsito entre o ambiente físico e o espaço onírico e rearticule as possibilidades estéticas e políticas de um imaginário permeado por referências e invenções de um território sagrado (a floresta amazônica). Empenhado na criação de uma literatura que atue no sentido de recompor os significados cósmicos do mundo, que recrie os significados entranhados nos espaços da vida orgânica, em franca oposição à racionalidade hermética que configura e sustenta a visão de mundo do capitalismo global, Vicente Franz Cecim elabora uma poética que reoriente os comportamentos humanos em relação com a natureza e com os outros homens. Na composição estética de *Ó Serdespanto*, a terra recupera a imagem materna. Cabe ao homem se permitir um contato pacífico e fecundo com a floresta: “Canta a mãe de Serdespanto do fundo da terra, a / úmida terra, seus rios submersos, / embrulhando-se contra o frio do

mundo em seus / lençóis de água, / no fundo da casa / Ouviremos essa canto?” (Cecim 2006:85)

O sujeito lírico de *Ó serdespanto*, depois de caminhadas visionárias pelo território do sonho e pelo deserto do real, depois de vertigens e contatos com espíritos animais e vidências, depois de ouvir as canções e fábulas orgânicas e cósmicas se desfaz e retorna ao pó. Cecim, neste momento da sua escritura, aventa a hipótese do *humanovegetal*: “Das cinzas, ele quisesse renascer um novo ser, a carne, o livro / Canta o grão, o que restou de Serdespanto. Ouçam, ouçam / pois se dando o escandaloso acontecimento de / um homem renascendo em árvore, diz-se disso: O humanovegetal.” (Cecim 2006:128-129)

Esta configuração de um corpo simbiótico, mítico, repercute a idéia do autor a respeito das extremas e íntimas conexões entre o humano e os diversos seres e ambientes do mundo natural. Vicente Franz Cecim tece, numa operação lúdica e crítica, uma narrativa fragmentada, uma história de sonhos, atravessada por mitologias. Devorador e ampliador de significados, alquimista de um verbo que delira, Cecim realiza, em *Ó Serdespanto*, uma escritura utópica, amiga das visões e das vertigens. A escrita poética de *Ó Serdespanto* ventila e recria as posições do autor por uma luta permanente contra a ideologia do capital e contra a opressão de uma racionalidade perpetrada pelos centros de poder do capitalismo global. A literatura de Cecim se empenha na afirmação e na construção da liberdade histórica e estética, da independência política e poética da região (mítica e concreta) de Andara/Amazônia. A escritura poética de Cecim procura realizar incursões táticas no real para sabotar a lógica que preside o império da razão. As concepções, idéias e práticas políticas e estéticas de Vicente Franz Cecim presentes no texto do manifesto e na ficção de *Ó Serdespanto* vão ao encontro do diagnóstico realizado pelo físico Fritjof Capra a respeito do estado de coisas na contemporaneidade informada pela visão de mundo do capital:

Na sociedade capitalista contemporânea, o valor central – ganhar dinheiro – caminha de mãos dadas com a exaltação

do consumo material. Uma corrente infinita de mensagens publicitárias reforça a ilusão das pessoas de que a acumulação de bens materiais é o caminho que leva à felicidade, o próprio objetivo da nossa vida. Os Estados unidos projetam pelo mundo o seu tremendo poder para conservar condições favoráveis à perpetuação e à expansão da produção. O objetivo central do seu gigantesco império – com um poderio militar impressionante, um extensíssimo serviço secreto e posições de predomínio na ciência, na tecnologia, nos meios de comunicação e no mundo artístico – não é de aumentar o território, nem o de promover a liberdade e a democracia, mas o de garantir que o país tenha livre acesso aos recursos naturais do mundo inteiro e que todos os mercados permaneçam abertos aos seus produtos. É assim que a retórica política norte-americana passa rapidamente da noção de “liberdade” para a de “livre comércio” e “mercado livre”. O livre fluxo de bens e capital é identificado com o elevado ideal da liberdade humana, e o consumo material desenfreado é retratado como um direito humano básico – até mesmo, cada vez mais, como uma obrigação ou um dever. (Capra 2002:269)

Vicente Franz Cecim, em *Ó Serdespanto*, configura as fábulas do imaginário rebelde num regime de criação progressiva e constante de espaços para novos modos de ação no mundo. A literatura amplia as margens do sonho, sendo campo fértil para a radicalização de uma utopia libertária: a fecunda e pacífica reinvenção da relação entre homem e natureza numa chave mítica e mágica. Porém, o autor reconhece que este processo caminha lentamente atravessando obstáculos e entraves, derrubando discursos ideológicos e furando bloqueios cognitivos de uma percepção embotada por séculos de dominação: “Ah como é lento este aprender a semelhança / entre a pata do animal e o gesto humano”. (Cecim 2006:131)

Para Cecim, Andara é uma região mutante, de permanente mudança. No território mítico de Andara, Cecim enxerga a possibilidade de construção de uma nova mentalidade que confronte a prática e o discurso da

racionalidade do capitalismo global. Em Andara, a possibilidade do espanto se renova, os ouvidos podem escutar os sussurros de fábulas cósmicas, os olhos podem se entregar ao mergulho profundo e à contemplação e contato com as “flores visionárias do ar”. A escritura poética de Cecim se inicia e termina nas andanças pelo espaço vital da floresta sagrada. Andara, a obra aberta de Cecim, é a invenção contínua de uma mitologia e de um imaginário insurrecto calcado na região amazônica e suas sombras. Em Andara,

[...] estão recém-nascendo, sempre, os Fantasmas / do nosso imaginário. Os sentidos da mão que toca também / é um fundo velhíssimo, o arcaico, lodo do fundo / de rio da vida imensa, onde germinam materiais, mas / como matérias, que ainda estão fazendo a viagem entre a / vida visível e a vida invisível, / e vice-versa? Os percursos de retorno à Origem Invisível?. (Cecim 2006:278-279)

Vicente Franz Cecim compõe, nas duas textualidades examinadas neste ensaio, um vasto painel de idéias e visões de um imaginário rebelde. O autor pratica uma escritura que quer a fusão do natural e do sobrenatural; quer a relação dialógica entre os humanos e os outros seres; busca o contato íntimo e cósmico do homem com a sua região, sua territorialidade; uma literatura que se desdobra nas geografias interiores e na visão da vastidão de fábulas utópicas e libertárias que ainda aguardam a invenção e a partilha no coração do real. Com o manifesto Curau e *Ó Serdespanto* Vicente Franz Cecim permanece habitando a fronteira entre o visível e o invisível, entre o ser social e o ser mítico. Cecim vai gradualmente compondo e recompondo a imagem de Andara e da Amazônia numa filigrana onírica, mágica, única.

Referência bibliográfica

BAUMAN, Zygmunt. 2007. A utopia na era da incerteza. In: – *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

CAPRA, Fritjof. 2002. *As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável*. São Paulo: Cultrix.

CECIM, Vicente Franz. 2006. *Ó Serdespanto*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CHAUÍ, Marilena. 1989. *Cultura e Democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez editora.

DEAN, Warren. 1996. *A ferro e fogo: a história da devastação da Mata Atlântica brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

LIMA, Luiz Costa. 1989. *O Controle do Imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

MANNHEIM, K. 1982. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

RIBEIRO, Darcy. 1977. *Os índios e a civilização*. Petrópolis: Editora Vozes.

WEBER, Max. 1993. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Cultrix.